

Artigo Selecionado

O “Exército Secreto” dos EUA e a Guerra Global contra o Terror.

Alvaro de Souza Pinheiro()*

Derrotar as organizações terroristas de alcance global, eliminando sua capacidade de operar, por meio de ataques a seus refúgios, lideranças, militantes, finanças, comando, controle e comunicações. (Objetivo Estratégico estabelecido na “USA National Strategy for Combating Terrorism”, setembro de 2006.)

1 INTEGRANDO as SOF e a CIA

A recém divulgada “2008 USA National Defense Strategy” define que, embora sem perder a perspectiva das graves implicações de um conflito episódico e multidimensional contra estados nacionais potencialmente oponentes, avaliado como mais complexo e diversificado do que a confrontação com o comunismo na “Guerra Fria”, a luta contra a Al Qaeda e outras organizações terroristas continuará a ser a prioridade militar de maior relevância nas décadas a seguir. O Iraque e o Afeganistão permanecem como os teatros de operações centrais desse combate. Porém, outros ambientes operacionais, como é o caso do Irã, estado nacional notório patrocinador de organizações terroristas, particularmente, do Hezbollah, não são perdidos de vista.

Nessa luta em que o terrorismo transnacional é reconhecido como o inimigo prioritário e mais urgente, destaca-se como condição imprescindível de sucesso uma diversidade de missões a serem cumpridas, tendo como base a obtenção de dados específicos obtidos em Operações de Inteligência desenvolvidas tanto por pessoal militar quanto civil. Nesse

contexto, avulta a participação do Departamento de Defesa (DoD) no desencadeamento de “Special Operations” e da Agência Central de Inteligência (CIA) nas “Paramilitary Operations”.

As operações especiais desenvolvidas no âmbito do DoD pelas Special Operations Forces (SOF) são conduzidas sob responsabilidade do US Special Operations Command (USSOCOM), Grande Comando Unificado responsável pelo planejamento, direção e execução das operações especiais na condução da chamada “Guerra Global contra o Terror” (GWOT), tudo com a finalidade de obstruir, derrotar e destruir redes terroristas que ameacem os EUA. Na verdade, existe uma região nebulosa que dificulta, principalmente para leigos, diferenciar as operações especiais das SOF das operações paramilitares da CIA. No Congresso dos EUA, parlamentares da oposição criticam uma possível superposição de tarefas, e, até mesmo, a existência de uma rivalidade entre as agências governamentais militares e civis diretamente envolvidas, fato que, no passado, teria provocado repercussões muito graves no contexto da segurança nacional.

Na verdade, esse binômio, que constitui, na atualidade, o que conceituados analistas militares de diferentes países identificam como o “Exército Secreto dos EUA”, foi estabelecido a partir da profunda reforma efetuada no Sistema de Inteligência, fruto, sobretudo, da retificação das contundentes vulnerabilidades levan-

tadas no “Relatório da Comissão Nacional sobre os Ataques Terroristas contra os EUA” (The 9/11 Commission Report).

O DoD conceitua operações especiais como “aquelas conduzidas em território hostil, negado ou politicamente sensível, visando à consecução de objetivos militares, políticos, psicossociais e/ou econômicos, empregando capacitações militares não disponíveis nas forças convencionais”. Esse alto órgão também define forças paramilitares como “forças ou grupos não integrantes das forças armadas regulares de qualquer país, porém, semelhantes a elas na organização, equipamento, treinamento ou na missão”. Assim, o termo operações paramilitares é utilizado para identificar as operações conduzidas pela CIA, cujos agentes e funcionários não fazem parte das Forças Armadas dos EUA.

De uma maneira geral, as operações especiais são diferenciadas das operações militares convencionais pelo elevado grau de risco político e físico, técnicas operacionais e forma de emprego, dentre outros aspectos. Um tema comum às operações das SOF e da CIA é diretamente relacionado à preservação do sigilo do patrocinador. As operações especiais desenvolvidas no âmbito do DoD pelas SOF são frequentemente de baixa visibilidade, cobertas ou clandestinas. O mesmo ocorre com as operações paramilitares da CIA. Ambas as instituições preocupam-se que, no planejamento e na execução das suas operações, seja evitada qualquer implicação envolvendo o Governo dos EUA.

A Recommendation 32 do 9/11 Commission Report tornou público que “a responsabilidade pela liderança da direção e execução das operações paramilitares, tanto cobertas quanto clandestinas, deve passar ao Departamento de Defesa.” Acrescenta que “o planejamento e a exe-

cução dessas operações deverão ser consolidados com as capacitações de treinamento, direção e execução de operações similares sendo desenvolvidas pelo Comando de Operações Especiais.” Nessa ocasião, o Presidente Bush determinou ao Secretário da Defesa e ao Diretor Nacional de Inteligência (cargo criado na reforma do Sistema) que estudassem essa Recomendação e apresentassem, em fevereiro de 2005, a sua avaliação a respeito.

Na verdade, não ocorreu uma transferência radical de responsabilidades. Como uma consequência das experiências desenvolvidas nessa área crítica de grande sensibilidade, nos anos que se seguiram ao desencadeamento da “Guerra Global contra o Terror”, a responsabilidade pelas operações paramilitares passou a ser atribuída, pelo National Security Council, a cada uma das partes, com base numa política de que “cada caso é um caso”. Há que se destacar, todavia, um aspecto altamente positivo: desde 2001, ainda nos primórdios da Campanha do Afeganistão, tornou-se rotineiro que, temporariamente, equipes operacionais da CIA passassem ao controle operacional de comandantes de destacamentos das SOF e vice-versa.

Israel, na qualidade de um aliado indispensável dos EUA, tem um relevante papel em todo esse processo. Além de um suporte de informações extremamente valioso em termos de levantamento das atividades de organizações terroristas operando no Oriente Médio, a experiência israelense de integração entre os seus organismos de Inteligência e as suas SOF, na prevenção e combate ao terrorismo, é ímpar, e tem sido estudada como um modelo a ser seguido.

O presente artigo tem por objetivo analisar as táticas, técnicas, e procedimentos empregados por esse “Exército Secreto”

dos EUA em diferentes ambientes operacionais, concluindo sobre os resultados obtidos nessas ações.

2 TEATRO DE OPERAÇÕES DO AFGANISTÃO

Como medida retaliatória imediata, após os dramáticos episódios de 11 de setembro de 2001, o Governo dos EUA desencadeou a “Guerra Global contra o Terror”, cujo ato inicial foi a invasão do Afeganistão, “Operation Enduring Freedom”.

Ao início de novembro de 2001, ao mesmo tempo em que Companhias de Rangers conquistavam e mantinham aeródromos em diferentes localidades – utilizados como bases para operações futuras –, Destacamentos Operacionais de Forças Especiais (SFOD), Equipes SEAL (Sea, Air, Land – US Navy) e elementos do 1st Special Forces Operational Detachment Delta (Delta Force), reforçados por USAF Combat Control Teams (Controladores Aéreos Avançados da Força Aérea), infiltraram-se no Afeganistão e estabeleceram contato com forças irregulares anti-talibãs da “Aliança do Norte”. Sua missão era a derrubada do Regime Talibã e a captura de Osama bin Laden, líder maior da Al Qaeda, cuja presença na área era confirmada por inequívocos indícios, juntamente com seu segundo em comando, Ayman al-Zawahiri. Inicialmente, duas Forças Tarefas Combinadas de Operações Especiais foram constituídas: TF DAGGER (apenas FOPEsp EUA) e TF 11 (FOPEsp EUA e SAS britânico).

No cumprimento dessa típica missão de guerra irregular e contraterrorismo, o apoio de equipes operacionais da CIA mostrou-se fundamental. Essas já se encontravam operando naquele país havia

algum tempo e facilitaram, sobremaneira, a obtenção da confiança dos Aliados do Norte nos operadores das SOF infiltrados. O contato entre as partes envolvidas produziu uma inteligência rica na designação de alvos que, a curto prazo, foram gradativamente destruídos pela Força Aérea. Paralelamente à crescente capacitação do apoio aéreo aproximado, os operadores das SOF, reforçados pelos agentes da CIA, alguns deles árabes de nascimento, e profundamente conhecedores do ambiente operacional, implementaram, em muito, a capacitação operacional das forças irregulares aliadas.

Uma terceira Força-Tarefa Combinada de Operações Especiais, K-BAR (multinacional), foi constituída por 110 agentes operacionais da CIA e 350 combatentes das SOF, incluindo, além dos EUA, soldados de operações especiais de oito países: Alemanha, Austrália, Canadá, Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Noruega e Nova Zelândia. Em 49 dias, essas FOPEsp, conduzindo cerca de 15.000 irregulares aliados do Norte, conquistaram Cabul e impuseram uma fragorosa derrota ao exército talibã, estimado em 50.000 irregulares mais cerca de 6.000 militantes da Al Qaeda. Desse total, em torno de 10.000 soldados talibãs foram mortos e 7.000 foram aprisionados; 4.500 militantes da Al Qaeda foram mortos ou feitos prisioneiros. Nesse período, foram conduzidas, aproximadamente, 100 surtidas de apoio aéreo diárias, na sua maioria, desencadeadas em regiões extremamente altas – não raro, acima de 12 000 pés – em terreno montanhoso bastante acidentado, o que evidenciou o elevado nível de adestramento do pessoal envolvido – tanto no ar quanto no solo –, bem como a tecnologia de ponta das comunicações, armamentos e munições empregados.

Muito embora o regime talibã tenha sido deposto e um novo governo tenha sido empossado numa campanha fundamentalmente baseada nas SOF reforçadas por equipes operacionais da CIA, perdeu-se uma oportunidade ímpar. Numa localidade identificada como Tora Bora, Bin Laden e Zawahiri foram localizados e uma operação especial foi desencadeada para capturá-los. Esse evento ficou conhecido como a “Batalha de Tora Bora”, desenvolvida entre 6 e 18 de dezembro de 2001. O Comando da FT K-BAR solicitou ao Gen Tommy Franks, então Comandante do Central Command (CENTCOM) e autoridade maior em presença, o reforço de um batalhão de Rangers – que havia sido empregado na conquista de aeródromos na região oeste do país – para ocupar posições de bloqueio, numa típica operação de “martelo-bigorna”. Esse reforço não foi autorizado e tanto Bin Laden quanto al-Zawahiri escaparam incólumes para o Paquistão. Esse fato, até hoje, é tremendamente lamentado no seio da comunidade SOF-CIA.

Na atualidade, a situação ainda é instável em determinadas regiões do Afeganistão, onde existem focos de ressurgimento do Movimento Talibã. A região fronteira com o Paquistão permanece conflagrada e os indícios de que Osama bin Laden e a liderança da Al Qaeda estão homiziados em território paquistanês permanecem fortes. A segurança está sendo responsabilidade de uma força da OTAN, International Security Assistance Force (ISAF), que conta com um componente de operações especiais SOF-CIA, diretamente subordinado ao mais alto escalão em presença, incluindo, ainda, contingentes de operações especiais de diferentes países.

O foco da atual fase é a manutenção da segurança nos maiores centros urba-

nos do país, de modo a permitir que os Reconstruction Teams restabeleçam os serviços públicos essenciais. Novas forças de segurança afegãs foram estabelecidas. O novo exército possui, inclusive, um componente de operações especiais. Tanto essa nova força terrestre quanto uma nova polícia já estão sendo empregados, com desempenhos satisfatórios, no combate aos focos rebeldes talibãs e na manutenção da ordem, o que está possibilitando que a missão prioritária do componente SOF-CIA seja uma campanha seletiva contra as lideranças talibãs e da Al Qaeda. Organizações de segurança privadas, como é o caso da empresa Blackwater – cuja grande maioria de funcionários são antigos operadores de forças especiais e policiais da reserva selecionados –, têm sido contratadas para tarefas específicas, como, por exemplo, a segurança de autoridades locais e pontos sensíveis específicos, contribuindo no esforço de reconstrução do País.

3 APOIO DE ISRAEL

A experiência israelense na integração entre os organismos de Inteligência e as SOF é única em todo o mundo. Um exemplo característico dessa integração foi a ação de retaliação determinada pela Primeira Ministra Golda Meir, desencadeada em diferentes países da Europa contra o “Setembro Negro”, organização terrorista palestina responsável pelo massacre da delegação israelense nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. A integração entre o Mossad (operações externas), o Shin Bet (operações internas) e as FOpEsp, em particular, com o Sayaret Matkal (Commando 101, unida de responsável pelo famoso resgate em Entebbe, em 4 de julho de 1976) tem fundamentado ao longo dos anos a polí-

tica tipicamente israelense do “Olho por Olho, Dente por Dente”.

A cooperação EUA-Israel em termos de Inteligência é tradicional e vital para ambas as partes. Um exemplo dessa indispensável cooperação é o emprego de uma verdadeira parafernália eletrônica de vigilância. Entretanto, apesar do emprego de meios diversificados de Inteligência de Sinais e de Imagens, incluindo satélites e veículos aéreos não tripulados (VANT) de diferentes alcances e finalidades, muitos dos quais monitorados pelos EUA, as autoridades israelenses enfatizam que a fonte prioritária, e ainda insubstituível, de obtenção das informações é a Inteligência Humana, focada no terrorista capturado vivo e na organização de redes de informantes, recrutados no seio das comunidades locais.

Em julho de 2008, o Governo do Irã condenou à morte o cidadão iraniano Ali Ashtari, preso 18 meses antes, por espionagem em favor de Israel. Segundo autoridades iranianas, o foco das ações do espião teria sido o desenvolvimento de sistemas de armas e a implantação de instalações nucleares. O Governo de Israel rejeitou todas as acusações de conexões com Ashtari.

Muito embora as negativas sejam uma marca registrada das atividades da contra-inteligência de Israel, é público e notório que as agências israelenses são pródigas na condução de atividades de Inteligência Humana, particularmente, no interrogatório de terroristas capturados e na cooperação de elementos de diferentes origens, em diferentes países do Oriente Médio. As conexões comerciais de pessoas físicas e de empresas em países estrangeiros são habilmente utilizadas nas atividades da inteligência. Não raro, indivíduos, por vezes, até com um passado anti-semita, são comprados por dinheiro ou por ou-

tros favores. As autoridades israelenses não se iludem com os resultados a obter. Não existem expectativas de informações espetaculares. O objetivo é a obtenção de pequenos indícios de informações confiáveis que, integrados e processados por analistas e especialistas de área altamente competentes, venham a produzir informações valiosas.

Desde as mais poderosas agências, como a CIA e a FSB (Federal Security Service – sucessora da KGB russa), passando pelas menores, porém, extremamente competentes, agências francesa, britânica e alemã, todas têm significativo respeito pela Inteligência Israelense, a qual é absolutamente indispensável às atividades do “Exército Secreto” dos EUA na “Guerra Global contra o Terror”.

4 TF BLACK NO IRAQUE

Embora a Task Force Black esteja operando naquele teatro de operações há mais de três anos, em função de seu elevado grau de sigilo, o nível de conhecimento sobre suas atividades é mínimo. Seus quadros pertencem às mais secretas organizações militares contraterroristas do mundo ocidental, as norte-americanas 1st SFOD Delta e o SEAL Team Six, e a britânica SAS, oportunamente reforçadas por equipes operacionais da CIA, perfazendo um efetivo aproximado de 300 combatentes.

Essa FTCbnOpEsp multinacional tem como missão precípua a neutralização das diferentes células terroristas em presença, com ênfase na Al Qaeda iraquiana, visando, sobretudo, a neutralização dos planejamentos e execuções de atentados a bomba suicidas, que estavam matando milhares de iraquianos por mês até o final do ano passado.

Os terroristas responsáveis por aten-

tados suicidas, sejam eles com explosivos conectados ao próprio corpo ou em viaturas de natureza diversificada, deslocam-se para os seus objetivos com os detonadores desligados, só os ativando nos minutos finais que antecedem o acionamento da carga. Os indivíduos voluntários para a condução dos explosivos (“bombers”) não necessitam de um preparo técnico mais refinado, diferentemente daqueles em que repousa o sucesso dos ataques, que são os preparadores das cargas, pessoal de suporte logístico e pessoal de escolta. Essa foi uma evidência colhida pelas autoridades de segurança de Israel que, há cerca de cinco anos, passaram a priorizar, como alvo, o pessoal de apoio das organizações terroristas palestinas, muito mais difícil de recrutar e preparar do que os próprios suicidas. O resultado foi altamente positivo. O número de acidentes provocados por explosivos mal preparados e a quantidade de terroristas suicidas neutralizados antes de atingirem seus alvos cresceram significativamente.

A FT Black adotou essa tática e explorou, com rara propriedade, uma inteligência com base numa larga rede de informantes, visando a identificação e localização das áreas de homizio das células terroristas. Além da confrontação principal com a Al Qaeda iraquiana, a FT viveu momentos de grande tensão quando, há cerca de um ano, terroristas xiitas passaram a realizar ataques suicidas contra as comunidades sunitas, numa tentativa de acirrar um clima de guerra civil. Graças a uma inteligência humana muito bem estabelecida, foi possível buscar e coletar dados cada vez mais consistentes, que culminaram por neutralizar a sinistra ação xiita.

Ao início deste ano, por ocasião do término da ofensiva do Surge – reforço

de cerca de 25.000 soldados oriundos de bases nos EUA –, desenvolvida ao final do muito bem sucedido Comando da Força Multinacional do Iraque, pelo Gen David Petraeus, atualmente Comandante do Central Command), a FT Black havia eliminado ou capturado aproximadamente 4.000 terroristas islâmicos, na sua maioria pessoal técnico experiente, de difícil substituição. O resultado se fez sentir de imediato. Houve uma significativa redução de um pico de mais de 100 atentados a bomba por mês, em Bagdá, para apenas dois, no mesmo período.

O Gen Petraeus, num de seus mais recentes depoimentos ao Congresso, teceu referências altamente elogiosas à Task Force Black, ressaltando que sua participação na reversão das expectativas vivenciadas naquele teatro foi imprescindível. Enfatizou, entretanto, que se pagou um significativo preço em sangue, pois, nesse período, a FT sofreu cerca de 20% de baixas.

5 A CAMPANHA ESTRATÉGICA

A partir de 2004, o Presidente e o Secretário de Defesa atribuíram ao USSOCOM a responsabilidade de liderar a “Guerra Global contra o Terror”, no âmbito do DoD. Dentre inúmeras medidas implementadas, aquele Grande Comando Operacional ativou, na sua estrutura organizacional, o Center for Special Operations (CSO), com a finalidade de integrar as funções de inteligência, operações, estratégia e planejamento a longo prazo. A chefia desse Centro, além de estabelecer ligações interagências, capitalizou a sinergia de todas essas funções sob uma única direção, e passou a exercer, nas melhores condições, o comando e controle de todas as operações das SOF no planeta.

O USSOCOM não tem mais a intenção de desdobrar, lutar e vencer “any place”, “any time” (em qualquer lugar, a qualquer hora). Esse conceito não reflete mais a necessidade de um judicioso uso dos limitados recursos num conflito global. Tornou-se impositiva uma nova perspectiva para adequar a exigência de uma grande demanda de SOF. A nova filosofia está sintetizada na idéia de “presence for purpose” (presença por finalidade), cujo significado é sintetizado pela idéia de estar no “right place, at the right time, facing the right adversary” (lugar certo, na hora certa, enfrentando o adversário certo). Essa foi considerada a melhor perspectiva para uma campanha de longa duração.

Nesse contexto, as conexões no exterior, com governos estrangeiros e suas forças armadas, permanecem cruciais na consecução desse conceito. Há que se ter sempre em mente que organizações terroristas planejam globalmente, suprem-se regionalmente e atuam localmente. O USSOCOM incrementou a presença de SOF em pontos-chave ao redor do globo, visando trabalhar em conjunto com militares e forças de segurança das nações parceiras ou anfitriãs na localização, identificação e derrota das ameaças comuns.

Quando as ameaças o exigem, as SOF, juntamente com seus parceiros estrangeiros, passam a operar. Isso não significa que elas estejam permanentemente desdobradas ou posicionadas em bases avançadas. Mas, sim, tendo em mente “a presença por finalidade”, que as SOF estejam baseadas em pontos estratégicos do terreno, em condições de otimizar o cumprimento de uma missão específica, no prazo certo de tempo.

Assim, as quatro atuais diretrizes estratégicas do USSOCOM são as seguintes:

- Prevenir a emergência de novas ameaças terroristas;
- Isolar as ameaças terroristas de suas bases de apoio;
- Derrotar ou destruir as ameaças terroristas; e
- Prevenir a reconstituição das ameaças terroristas após terem sido derrotadas.

Hoje, está claro, para as autoridades maiores responsáveis pelas operações especiais dos EUA, que, diferentemente da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Al Qaeda não é um estado centralizado, verticalmente hierarquizado, cujas ações de comando e controle eram, de alguma forma, simples de prever. A Al Qaeda e seus aliados extremistas constituem redes integradas por células dotadas de suficiente autonomia, agregadas por ideologias fundamentalistas radicais de caráter etno-religioso, inspiradas e orientadas, porém não-controladas, por lideranças carismáticas. A Al Qaeda, diferentemente da antiga URSS, não possui território nacional nem cidades constituídas como centros político-administrativos. Trata-se de um ator não-estatal, que opera nas sombras e busca áreas de homizio e santuários em regiões de difícil acesso em países falidos, onde sua liderança pode planejar seus ataques terroristas, concentrar recursos logísticos, recrutar e treinar operadores, sem ser detectada por recursos de inteligência de tecnologia de ponta.

O chamado “Exército Secreto”, caracterizado pela profunda integração entre as operações especiais e a inteligência, é mais um dos instrumentos eficazes de contraterrorismo empregado pelos EUA na defesa de seus interesses vitais.

Tudo isso levando em consideração a mais moderna concepção de prevenção e combate ao terror, a qual, baseada numa

inteligência eminentemente próativa, não espera que as células terroristas ataquem, para só depois, reagir. Antecipam-se, explorando, imediatamente após a sua obtenção, as informações obtidas e, assim, neutralizando essas células antecipadamente às suas ações, numa doutrina eminentemente próativa.

REFERÊNCIAS

The 9/11 Commission Report: Executive Summary, Washington D.C.

United States Special Operations Command: Posture Statement 2006, Mc Dill Air Force Base / Florida.

A. Best Jr, Richard and Feickert, Andrew, “Special Operations Forces (SOF) and CIA Paramilitary Operations: Issues for Congress”, CRS Report for Congress; Foreign Affairs, Defense and Trade Division; Order Code RS22017; Updated December 6, 2006.

Howard, Russel D. , “Intelligence in Denied Areas: New Concepts for a Changing Security Environment”, Joint Special Operations University (JSOU) Report 07-10, December 2007, Hurlburt Field / Florida.

Dunnigan, James F., “The Secret American Army”, Strategy Page, News as History, July 12, 2008.

Dunnigan, James F., “Task Force Black”, Strategy Page, News as History, September 13, 2008.

*(*O autor é General-de-Brigada da Reserva do Exército Brasileiro, Analista Militar especialista em Operações Especiais e Guerra Irregular. (EMail: pinheiroa@terra.com.br).*